TL6415-2

Conselho Executivo da Luta /Frente Armada - CEL/FA

MENSAGEM DA LUTA

Compatriotas Mauberes!
Companheiros de Luta!

Após quase meio ano de silêncio, venho hoje em nome do CNRM e das FALINTIL Aswain dirigir-vos esta mensagem da Luta, procurando abordar um bocado(?) sobre os últimos acontecimentos que fizeram da nossa Luta uma tragédia jamais vivida nesses últimos anos de Resistência do nosso Povo à vil e cobarde invasão e ocupação Indonésia à nossa Pátria!

O 17º (décimo sétimo) ano da Resistência Armada contra a selvática ocupação militar indonésia à nossa Pátria findou prenhe de situações dramaticamente avassaladoras cujas consequências desastrosas estão sendo hoje profundamente sentidas por toda a Resistência.

A captura de Xanana Gusmão, o carismático e histórico líder consensual da Resistência Timorense, foi o acontecimento do ano de trágicas dimensões que a história da Resistência dos últimos anos, da Conferência Nacional de Março/81 à data, jamais registou nas suas páginas ensaguentadas.

A destruição total das nossas organizações de resistência clandestina, que teve lugar na sequência da captura do nosso líder, foi outro acontecimento dramático que abalou as estruturas da Resistência Timorense.

E como se tudo isso não bastasse para sentirmos já os efeitos avassaladores dessas dramáticas situações que abalaram todo o edifício da Resistência Maubere, demolindo as suas muralhas e provocando fendas profundas na sua estrutura, perdas essas que nas actuais circunstâncias em que estamos resistindo à ocupação indonésia se nos tornam muito mais difíceis, para não dizermos impossíveis de serem reparadas e, mal refeitos que fomos com a recomposição da nova Direcção da Luta, o 18º (décimo oitavo) ano da luta armada iniciou marcando mais um acontecimento dramático pois o inimigo desferiu-nos mais um novo e duríssimo golpe com a captura do líder substituto de Xanana Gusmão, o companheiro Ma'Huno, o último membro mais veterano da anterior Direcção da Luta, fechando assim a última página de uma história inglória da velha geração da Direcção da nossa luta.

Compatriotas Mauberes
Companheiros de Luta

Há muito que o inimigo vem-se esforçando em exterminar totalmente a Direcção da Luta e as FALINTIL Aswain como a condição única e premente para acabar com o conflito armado em Timor Leste.

A captura dos líderes máximos da Resistência, vivos ou mortos, sempre foi o objectivo de maior cobiça das autoridades ocupacionistas indonésias, cobiça em muito disputada entre os militares indonésios para fins pessoais.

Para o efeito a par de sucessivas operações militares do exército ocupante para a realização do seu sonho maquiavélico, os serviços secretos de informação indonésios - a "Intel", vem intensificando também as suas actividades de busca de dados, melhorando os seus métodos de recolha de informações sobre a Resistência e a sua Direcção e ensaiando sempre novas e sofisticadas tácticas para a obtenção de dados mais actualizados e precisos sobre a Resistência e a localização exacta dos seus líderes.

A realização dessa maior ambição (?) pela captura de Xanana Gusmão, em 20 de Novembro de 1992 e de Ma'Huno, em 3 de Abril de 1993 atestou, por um lado, a eficiência dos serviços secretos de informação indonésios e, por outro lado, representou o maior e o mais duro golpe que a Resistência Timorense e a sua Direcção sofreu nesses últimos anos de Resistência, desde a Conferência Nacional de Março/81 à data.

O inimigo diria que foi o seu golpe mortal desferido contra a Resistência Timorense, marcando o fim da luta do Povo Maubere à sua ocupação porque:

a) - O Comando Estratégico da Resistência Timorense, o cérebro da organização da resistência à sua ocupação deixou de existir, porque os líderes mais veteranos, ideólogos, sábios e estrategas da Resistência já estão todos presos.

b) - Os restantes membros da Direcção, novatos, analfabetos, sem formação teórica nem experiência de Direcção não serão capazes de continuar a dirigir a Resistência.

c) - As FALINTIL reduzidíssimas , não poderão suportar uma guerra prolongada porque sem o seu Comando e com o fim do apoio popular que desfrutam deixaram de ter garantias quanto ao seu recompletamento em pessoal e material.

d) - Os poucos resistentes estarão, peso(?) por das cada vez mais crescentes dificuldades resultantes do prolongamento da guerra, sujeitos ao desespero e à exterminação total, por isso mesmo, não terão outra solução a escolher se não a de deporem as armas e renderem-se às autoridades.

e) - E, finalmente, o fim da Resistência Timorense acaba de conhecer o seu princípio porque a população desmoralizada e frustrada deixou de ter confiança na sua Direcção e nas FALINTIL; as FALINTIL deixaram de constituir o factor de instabilidade permanente no território, as acções da guerrilha deixaram de constituir o factor político mobilizador das massas populares e Timor Leste estará, em pouco tempo, estável onde o "rakyat" de "Tim-Tim" trabalha livremente pelo seu bem estar e colaborando com as autoridades e o exército na construção do progresso e desenvolvimento da "província".

Por tudo isso, a frente externa deixará de ter argumentação política para continuar a invocar e defender os direitos da população timorense porque esta já se autodeterminou, escolhendo por sua livre vontade a integração do território na Indonésia, está feliz com os benefícios do "penbengunan" que a "integrasi" trouxe à província e, por isso mesmo, tem apoiado e continua apoiando as autoridades e o exército na captura dos líderes máximos da Resistência e na erradicação da própria guerrilha.

Compatriotas Mauberes
Companheiros de Luta

Passaram-se meses de silêncio em que ouvíamos apenas o som das trombetas dos ocupantes tocando a euforia das suas vitórias e o bombear ruidoso da sua propaganda semeando confusão, terror, intimidação, desânimo, desmobilização e derrotismo. Mas também, para cá das montanhas da Pátria se ouviam e se ouvem aqui e além o troar contínuo das armas dos guerrilheiros das FALINTIL, tocando sobre os cadáveres dos soldados indonésios a canção da liberdade do nosso Povo, alimentando esperanças.

20 de Novembro de 1992 a 25 de Abril de 1993, passaram-se 5 (cinco) meses cheios de situações dolorosas e angustiantes, cheios de dor e de lágrimas, cheios de tristezas e

frustrações, cheios de dúvidas e de incertezas, cheios de inquietação e ansiedade, numa mescla de dor(?) e esperança!

Hoje, pensamos chegar já o momento oportuno para fazermos um breve balanço da situação por que passou a nossa luta e ganharmos novo alento moral e vigor patriótico, reunindo coragem política para tomarmos medidas importantes e decisivas a fim de desfazermos o espesso manto negro que obscurece o horizonte de esperança da nossa Luta.

Começamos reconhecendo que vivemos e sentimos o enorme peso das consequências desastrosas e irreparáveis desta crise que resultou das capturas sucessivas dos nossos lideres, crise essa que abalou todo o edifício da Resistência Maubere, provocando fendas profundas e quase que irreparáveis porque:

1 - No plano da Direcção e da Luta, Xanana foi todo ele mesmo a Resistência Maubere, Xanana foi o sábio, o estratega, o intelectual fora do comum na sociedade timorense, segundo o Sr. Mário Carrascalão, o ideólogo e o arquitecto que soube reerguer das cinzas de destruição o edifício da Resistência Maubere. Xanana foi o líder corajoso que soube imprimir(?) na luta as dinâmicas transformações políticas necessárias, tornando a luta numa resistência nacional e, sobretudo, nacionalista; Xanana foi o incansável líder lutador pela construção da unidade dos timorenses, unindo todas as forças patrióticas e nacionalistas, todo o Povo de Timor-Leste na resistência contra a ocupação indonésia, lutando lado a lado sem preconceitos políticos partidários nem discriminação de qualquer ordem em torno do objectivo comum - a libertação da nossa Pátria - comum - Timor-Leste, Xanana foi, portanto, o símbolo da unidade do nosso Povo, o símbolo da Luta.

2 - As capturas sucessivas dos nossos lideres foram para a Direcção da Luta e para toda a luta uma derrota estratégica cujas consequências estão sendo profundamente sentidas na nossa luta pela diminuição visível das nossas capacidades de resistência em todos os planos mas, não representou o fim da Resistência Maubere.

Perdemos, sim, os nossos maiores ideólogos, os nossos maiores sábios, os nossos maiores estrategas! Sofremos, sim, uma derrota estratégica de carácter decisivo mas não perdemos a guerra, a captura dos nossos lideres não representa o fim da Resistência do Povo Maubere porque:

a - a derrota que sofremos foi traduzida apenas na perda física e intelectual dos nossos líderes na Resistência, capazes de sintetizar correctamente as experiências da luta do nosso Povo e indicar-lhe o rumo certo a seguir mas, o seu PENSAMENTO - fruto de sangue, de suor,

de lágrimas, de sofrimentos e sacrifícios, de mortes de todo um Povo que resiste decididamente(?) à ocupação, FICOU.

b - nós, os actuais membros da Direcção da Luta que ainda resistimos nas montanhas, embora nunca desejássemos colocar-nos em bicos-de-pé para nos compararmos aos nossos líderes capturados porque reconhecemos nós mesmos as nossas extremas limitações, não nos faltam vontade e determinação para continuarmos a lutar, dirigindo a luta do nosso Povo e cumprirmos o nosso dever de morrer pela libertação da nossa Pátria. Somos, na verdade, demasiado pequenos e fracos para ousarmos assumir hoje tamanha responsabilidade mas, o nosso pensamento, o pensamento que nos guia é grande.

Além disso, temos a confiança dos nossos guerrilheiros, do nosso Povo, dos nossos compatriotas na frente externa e não trairemos nunca essa confiança!

c - apesar de todas as previsões optimistas dos estrategas militares indonésios de que as FALINTIL não poderão suportar mais uma guerra prolongada e se renderão inevitavelmente, os valorosos guerrilheiros continuam determinados a resistir de armas em punho nas montanhas, aceitando continuadamente o sacrifício das suas próprias vidas como o preço da liberdade do seu Povo. As FALINTIL estão conscientes do seu sagrado dever e, por isso mesmo, apesar de terem chorado pela captura do seu comandante, do seu líder, do seu irmão e pai, apesar de constatarem as enormíssimas dificuldades que o prolongamento da guerra lhes impõe, continuam firmes e determinados no cumprimento do seu dever sagrado - o de morrer pela libertação da Pátria. Ninguém se vergou à pressão psicológica do ocupante, antes pelo contrário, todos juraram vingar a captura dos seu líderes, o sangue derramado pelos seus companheiros na frente armada e dos seus irmãos na frente clandestina; matando continuamente os soldados indonésios e cobrindo de vivo sangue o chão sagrado da nossa Pátria Timor-Leste, este pedaço de Terra que é a sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais. Cremos que tendo ouvido e acompanhado as operações que as FALINTIL realizam um pouco por toda a parte, depois da captura dos nossos líderes, como em I::(?), Lospalos, Laivai, na estrada entre Beaço e (?), nas áreas do Mundo Perdido(?), na estrada de Kainabela(?)/Baucau, nas áreas de Mau BAi(?), nas áreas de Fatuberlau(?) e Same(?), na fronteira longínqua, em Hatolia, em T..(?), áreas de Ainaro, em Manatuto lau/Kablake(?), etc. etc..

Houve baixas humanas e perdas materiais, traduzidas em mortes e capturas pelo inimigo e houve também um e outro guerrilheiro rendido. Mas embora reconhecendo a falta que a rendição de um guerrilheiro produz nas fileiras da resistência armada, falta essa que é tanto mais sentida quanto temos em conta as cada vez mais crescentes dificuldades de recompletamento em pessoal e material, isso não representou nada, absolutamente nada, se formos comparar com a situação dos anos 78/79 após a morte do saudoso Presidente Nicolau

Lobato! Aliás, mesmo antes da captura do comandante das FALINTIL já havia rendições de homens e armas e quero anotar que em muitos casos até eram rendições consentidas pela Direcção da Luta como uma necessidade, como uma exigência da própria Luta pela necessidade de salvaguardar as actividades da mesma. E os guerrilheiros aceitam esses sacrifícios para preservarem as actividades da luta e estão conscientes também que lá onde se encontrarem, aí existe luta e nela participarão buscando todas as formas de luta ao seu alcance para continuarem a resistir à ocupação.

Nós, os guerrilheiros das FALINTIL, estamos prontos para a exterminação, sempre estivemos prontos para a exterminação! Mas sabemos que a nossa exterminação será um grande exemplo de patriotismo para os filhos de Timor-Leste. Para a juventude maubere, o caminho aberto com o sangue dos seus irmãos mais velhos, com o sangue das FALINTIL é uma obrigação - a de prosseguir a obra deixada pelos seus irmãos exterminados, continuar a lutar pela libertação da Pátria, pelos direitos do seu Povo e do seu próprio futuro.

Portanto, mesmo que os guerrilheiros fossem exterminados, a guerra não acabará, a luta não parará, até porque o exemplo dos guerrilheiros encorajará os filhos de Timor-Leste a resistir com maior determinação.

É por isso que afirmamos que o esforço do criminosos ocupante de exterminação das FALINTIL é um esforço inútil, porque mesmo que consiga exterminar as FALINTIL, isso não acabará com o conflito político e armado em Timor-Leste. Comparando a nossa Resistência a uma árvore, se se pensa em cortar um ramo para matar a árvore, esta não morrerá até porque novo ramo nascerá substituindo o que foi cortado. As FALINTIL possuem uma grande capacidade de sobrevivência e renovação de si mesmas porque a sua raiz é o Povo Maubere e a sua razão de ser são as legitimas e mais profundas aspirações desse mesmo Povo Maubere.

Por outro lado, a questão essencial da estabilidade, da paz não é quem tem mais força para impôr a paz pela força das armas. O problema fundamental da PAZ que se deseja alcançar para Timor-Leste, para o nosso Povo é a JUSTIÇA e a LIBERDADE.

d - E, fundamentalmente, porque o Povo Maubere continua determinado a persistir na Luta que é a sua. A luta armada é apenas uma das vertentes da Resistência Maubere no seu conjunto. Os guerrilheiros das FALINTIL podem ser exterminados, serão exterminados mas enquanto ao Povo Maubere não lhe for dada a oportunidade de escolher o seu futuro livremente, enquanto o Povo Maubere não encontrar JUSTIÇA e LIBERDADE na Paz que almeja encontrar, a resistência timorense à ocupação indonésia prosseguirá até as últimas consequências!

A captura dos nossos líderes não pode ser interpretada como a renúncia do nosso Povo à sua luta, como a negação do nosso Povo aos seus direitos, como a hostilidade do nosso Povo

ao seu braço armado - as FALINTIL Aswain e a sua Direcção como os indonésios pretendem fazer crer com a sua falsa propaganda.

Com a captura dos nossos líderes, o nosso povo sofreu um forte abalo psicológico e moral mas. a sua fé na luta e a sua esperança no futuro não esmoreceu; o nosso Povo continua a depositar confiança na sua Direcção como seu braço armado - as FALINTIL Aswain, apelando-nos para não depormos as armas e rendermo-nos ao inimigo porque isso poderia representar a sua escravização eterna.

Por outro lado, queremos aclarar que não há lutas neste mundo que nunca tivesse sofrido derrotas, que apenas tivesse conhecido vitórias, que ao longo do seu desenvolvimento nunca tivesse registado actos de cobardia , de infidelidade e de traições. Tentamos perceber que Amilcar Cabral, o líder histórico do PAIGC não teria sido assassinado pela PIDE portuguesa se não houvesse fugas de informação nas próprias fileiras do PAIGC. Amilcar Cabral morreu assassinado pela PIDE mas a sua morte não representou o fim do apoio do povo guineense ao PAIGC e a luta que o PAIGC dirige, antes pelo contrário, os guineense cerraram as fileiras da sua luta, prosseguiram o seu combate com maior determinação e venceram o colonialismo português, conquistando a independência.

Não querendo fazer transposições porque reconhecemos a especificidade das condições em que cada luta se desenrola, queremos afirmar orgulhosos que a luta do nosso Povo prosseguirá até à sua libertação, resistindo em todos os planos porque o nosso Povo está consciente do carácter sagrado dos seus direitos, o nosso povo jamais esquecerá o sangue derramado dos seus predilectos filhos, o nosso Povo acredita que a força da razão vencerá a brutalidade das armas e que o direito e a justiça triunfarão sobre o terror do crime e da injustiça. Apesar desta crítica situação, o nosso Povo continua unido(?), acredita na sua Direcção e tem uma infinita esperança na vitória, embora saiba que ainda tem um longo caminho a percorrer.

Não são meras palavras de contrição(?), vazias de conteúdo quando afirmamos que o nosso Povo persiste na luta buscando todas as formas de luta possíveis para resistir à ocupação pois, não fosse a firmeza e a determinação do nosso Povo, dos nossos compatriotas, das massas populares, não teria sido possível hoje reerguermos dos escombros do edifício arruinado(?) da Resistência. a NOVA ESTRUTURA DA LUTA.

É difícil o mundo compreender essa realidade mas, é precisamente isso que vivemos e o próprio inimigo sabe disso. Afirmamos sem exageros que continuamos a receber o apoio do nosso Povo em todos os planos porque a luta do nosso Povo continua também em todos os planos.

Há 18 (dezoito) anos atrás, pensava-se que era impossível ao Povo Maubere resistir por mais de 48 (quarenta e oito) horas e hoje estamos no 18º (décimo oitavo) ano da luta em todas as frentes de combate.

Também há 5 (cinco) anos atrás, em 88, pensava-se ser impossível uma manifestação popular. Pensava-se que era impossível porque se julgava que todos aqueles anos de terror e crimes tinham conseguido matar a determinação do Povo Maubere e que o Povo Maubere acabaria por esquecer a Independência. Hoje, muita gente pensa que com a captura dos nossos líderes máximos, o nosso Povo já não pode RESISTIR mais. Mas essas pessoas esquecem-se simplesmente que a violência do crime, o terror das armas matam as pessoas mas não matam o pensamento e, quanto mais matam, quanto mais prendem(?), quanto mais torturam, as pessoas, os timorenses ficam mais determinados para lutar porque toda a injustiça só tem a virtude de criar mais ódio e aversão ao sistema que a pariu, ao regime militar assassino de Suharto.

Compatriotas Mauberes
Companheiros de Luta

Podeis ter ficado impressionados pelo facto de não termos abordado a situação da nossa luta na frente diplomática, apesar de reconhecermos que ela constitui, no actual momento e no futuro, o factor decisivo para a solução da questão timorense.

A explicação é simples. O isolamento total qur vivemos nestes últimos meses não nos permite acompanhar a evolução dos acontecimentos que se desenrolam lá fora em relação à nossa luta pois não possuímos meios nem informações sobre o que se passa na frente externa da nossa luta.

É, por isso mesmo, que iremos apenas abordar sobre somente(?) determinados aspectos que a nossa pobre compreensão alcança pelo que o que vamos apresentar merecerá as vossas críticas e correcções.

Pensamos que a captura dos nossos líderes constitui o maior trunfo diplomático até aqui alcançado por Jakarta e a sua diplomacia pode livremente jogar esse trunfo da forma que melhor entender.

A reivindicação da Indonésia sobre o território de Timor-Leste como a sua 27ª (vigésima sétima) província como produto da vontade popular da "Rakyat" de "Tim-Tim" de escolha livre do seu futuro, do seu destino encontra agora, segundo pensamos, maior fundamento na captura dos nossos líderes. O inimigo pode agora gritar ao mundo com os pulmões todos cheios de arrogância de que o "rakyat" de "Tim-Tim" já se auto-determinou, escolhendo por sua livre vontade a integração, está feliz com os benebícios do "perbanguran"(?) que a "integrasi"(?) trouxe à "província", desprezando a sua luta e tornando-se hostil à guerrilha, apoiando as

autoridades e o exército na captura dos líderes da guerrilha e na erradicação da própria guerrilha.

Ao forçarem Xanana Gusmão a "aceitar" a sua soberania sobre o território de T. Leste, a Indonésia pode com isso "provar" ao mundo a validade da sua tese de que a questão de "Tim-Tim" é já um facto consumado, "Tim-Tim" é território indonésio por livre escolha popular e portanto, o problema de Timor-Leste é assunto interno da Indonésia, para além de que o próprio líder da Resistência já "aceitou livremente" a integração. Portanto, referendum para ..... Jakarta. é coisa do passado!

..... que o nosso ponto forte reside na questão dos Direitos Humanos, questão para a qual recebemos o amplo apoio da Comunidade Internacional e dos governantes do Ocidente, os senhores donos do poder no mundo, os campeões da defesa dos Direitos Humanos.

Mas Jakarta sabe também que o Ocidente não estará disposto a sacrificar os seus interesses económicos pelos direitos humanos dos timorenses e muito menos pelos seus direitos fundamentais - o direito à auto-determinação e independência nacional. A crise económica que assola hoje o mundo rico faz de Portugal a potência administrante cada vez mais importante. Portugal como membro da CEE é, talvez, de entre os doze, o país mais(?) economicamente pobre, dependente dos países ricos da CEE e, por isso mesmo, não estará capaz de mobilizar esses países em defesa da nossa causa. O velho continente preferirá as enormes somas de riquezas que extraem da Indonésia pelo investimento dos seus capitais, pela cooperação tecnológica, comercial e económica para a recuperação das suas economias do que defender os nossos direitos, os direitos do nosso Povo, já que a Indonésia é um país rico, com uma economia em desenvolvimento, um grande parceiro económico e comercial dos países ricos do ocidente enquanto que Timor-Leste é uma gota de água no oceano dos grandes interesses do mundo rico.

Jakarta ao explorar essa situação e pela necessidade de mostrar ao mundo a sua autoridade moral para falar em direitos humanos, em direitos internacionais, para desempenhar um grande papel de destaque no mundo já que é a grande potencia regional, vai jogando o seu trunfo a seu bel-prazer, tomando iniciativas que não passam de uma grande farsa mas que são muito bem-vindas, são bem aceites e louvadas pelos seus aliados políticos, religiosos, económicos e comerciais deste mundo de injustiças. Essas iniciativas revelam-se por exemplo:

- no "tratamento humano" que dá aos prisioneiros de guerra, como os casos de Xanana Gusmão e Ma'Huno e de outros presos políticos.
- conceder-lhes visitas da Cruz Vermelha Internacional.

- proceder ao julgamento de Xanana Gusmão à "porta aberta" seguindo(?) os direitos humanos fundamentais e, em particular, dos direitos que assistem aos prisioneiros de guerra.
- conceder aos líderes guerrilheiros presos entrevistas de jornalistas da imprensa internacional
- permitir contactos da ONU aos líderes capturados, etc. etc.

Todas essas iniciativas visam conseguir o apoio internacional à sua tese e remeter Portugal a uma posição de defensiva passiva e, também, remeter ao descrédito internacional a acção da nossa frente externa.

Por tudo isso, já previamos que as recentes negociações tripartidas entre Portugal, Indonésia e ONU em Fevereiro, em Nova York e as de Abril em Roma não iriam surtir qualquer efeito positivo para a nossa luta, uma vez que Jakarta que já tendo todo o trunfo na mão iria persistir na sua inflexibilidade, assumir uma postura de firmeza nas suas reivindicações e apelará ao realismo, levando Porugal e o mundo a aceitar a realidade.

Mas reconhecer apenas o lado positivo do inimigo seria negarmos a nossa própria existência. Ver apenas a "melhora" dos direitos humanos é negarmos a causa da constante e abusiva violação dos direitos humanos cometidos pela Indonésia que consiste(?) na persistente resistência do povo timorense à sua ocupação e que a violação dos direitos humanos é apenas(?) característica desta resistência, uma resistência que se funda na defesa dos direitos fundamentais do nosso Povo, o direito à auto-determinação e independência nacional.

A questão de Timor-Leste não é um problema interno da Indonésia. A questão de Timor-Leste é uma questão de descolonização, portanto sob a alçada do direito internacional. A questão de Timor-Leste não pode, nunca pode ser resolvida com a lei(?) da Indonésia, mas unicamente pede aplicação da resoluções da ONU relativas à descolonização.

A reivindicação da Indonésia acerca da sua soberania sobre o Território de Timor-Leste entrou em confrontação com os princípios defendidos pela ONU de "não uso da força" e da "ilegitimidade da conquista militar" como fundamento aceitável da soberania, princípios que a própria Indonésia foi subscritor.

A reivindicação Indonésia sobre a integração do território de Timor-Leste na Indonésia como produto da vontade popular viola os princípios consignados na Carta das Nações Unidas sobre "o exercício livre do direito à auto-determinação dos povos sob dominação colonial", princípios pelos quais as Nações Unidas se bateram ao longo dos anos e que deram origem à maioria dos Estados soberanos que hoje engrossam o efectivo da ONU, como estados membros.

A ONU continua a reconhecer Portugal como sendo a potência administrante legal do território de Timor-Leste.

Portugal, apesar das suas fraquezas, continua firme no cumprimento dos seus deveres decorrentes da sua própria Constituição em relação a Timor-Leste à luz do Direito Internacional.

A solidariedade internacional para com a nossa luta, embora se verificasse um decrescendo(?) nítido do seu apoio à nossa luta, persiste e Jakarta sente a pressão internacional e, por isso mesmo, faz concessões no plano dos Direitos Humanos.

Embora se assistisse(?) uma certa passividade dos nossos líderes ne frente externa, essencialmente dos líderes da Fretilin e da UDT, pelo facto de não terem conseguido até aqui reorganizar as duas organizações partidárias, signatárias da CNT, Jakarta tem a enfrentar a nossa acção diplomática e de sensibilização internacional. Surge agora uma nova força combativa, liderada pelo Representante Especial do CNRM no exterior, o Dr. Ramos Horta. constituida por uma camada de jovens timorenses, activos e dinâmicos, constituindo um verdadeiro desafio à diplomacia de Jakarta e superando(?) o imperdoável imobilismo que se verifica nas cúpulas da FRETILIN e da UDT.

As ONGs e a solidariedade sem fronteiras políticas e estratégicas continuam defendendo a nossa causa e a sua persistente acção a favor dos nossos direitos, condenando não só a Indonésia pela violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste como também embaraçando as nações civilizadas do ocidente na(?) relação com a política de Suharto na nossa Pátria, embora não possuísse força de lei, constitui um verdadeiro quebra-cabeças ao regime de Jakarta.

Por tudo isto concluimos que a captura dos líderes da Resistência Timorense não representou o fim da luta do Povo Maubere para a sua libertação nem a negação dos seus direitos fundamerntais - o direito à auto-determinação e independência nacional porque:

1 - A Direcção da Luta continua a lutar! Está-se reorganizando! Apesar de reconhecidas as suas extremas limitações, o seu pensamento, o pensamento que os guia é grande e tem a confiança dos guerrilheiros, do nosso Povo e dos companheiros da Frente Externa. pelo que a Direcção da Luta no interior da Pátria não trairá nunca essa confiança.

2 - As FALINTIL continuam determinadas a resistir de armas em punho nas montanhas da Pátria, aniquilando os soldados indonésios e cobrindo com o seu vivo sangue o chão sagrado da nossa Pátria!

3 - A frente diplomática da nossa luta mantem-se activa e dinâmica na arena internacional na defesa da nossa causa.

4 - Timor-Leste continua a ser ainda uma questão do Direito Internacional cuja solução tem que passar pelas resoluções(?) da ONU e Portugal como potência administrante legal, continua firme no cumprimento dos seus deveres em relação a Timor-Leste.

5 - A solidariedade internacional mantem-se apesar de se verificar um nítido decrescendo do seu apoio à nossa luta.

6 - E, fundamentalmente, porque é o Povo Maubere que está determinado a lutar e a morrer pela sua justa causa, aceitando todos os sacrifícios que a sua decisão produz, porque o nosso Povo está consciente do carácter sagrado dos seus direitos. O nosso Povo aceita(?) que a força da razão vencerá a brutalidade das armas e que o direito e a justiça triunfarão sobre o crime do terror e da injustiça. O nosso Povo continua unido, acredita na sua Direcção e tem uma infinita esperança na vitória. O nosso Povo jamais desistirá de lutar, enquanto não for um Povo livre e independente.

7 - A solução para o problema timorense tem que passar por uma solução internacionalmente eceitável como prevê a ONU através da sua resolução nº 37/39 de 1982, mas isso não chega a menos que a Resistência Timorense entre no diálogo sem pré-condições sob os auspícios da ONU.

As manobras levadas a cabo por Jakarta sempre conseguiram colocar fora da mesa das negociações a resistência. Com a captura dos seus líderes, Jakarta assume hoje uma postura de maior firmeza nas suas reivindicações e apela(?) Portugal e o mundo para o seu realismo.

8 - Perante esta intransigência firme de Jakarta há que sabermos fazer de nossa fraqueza força para enfrentarmos o ocupante. Perante esta situação, devemos ser capazes de encontrar uma solução que leve o inimogo a aceitá-la. Devemos por isso mesmo ser realistas (?) mas não pelo realismo que a Indonésia defende. Realismo para nós deve significar reciprocidade de(?) concessões! As propostas de paz avançadas pelo Representante Especial do CNRM, Dr. Ramos Horta, para a solução da questão timorense são as mais realistas(?).

Mas se Jakarta considera o ramo de oliveira oferecido pela Resistência Timorense como sinal de total fraqueza e capitulação da própria resistência, respondendo com arrogância (?) da sua (?), nós não temos outra solução a escolher senão a de continuarmos o nosso combate até ao fim.

II

Compatriotas Mauberes
Companheiros de Luta

Após esses sucessivos golpes demolidores que o inimigo desferiu à nossa luta e, em particular, à sua Direcção, estamos perante uma situação particularmente difícil caracterizada pelo "vazio de Direcção".

Ouve-se em todo o lado vozes perguntando sobre o futuro da nossa luta, sobre o rumo que a frágil caravela do nosso Povo, que sulcando esse(?) oceano traiçoeiro e de vagas ruidosas à procura de águas calmas, vai tomar(?) questionando até mesmo a capacidade do piloto de guiar o veleiro a bom porto. Soam vozes em todo o lado ..... perguntando ..... a nossa luta, como está a recomposição da nova Direcção da Luta. ..... menos informadas e influenciadas com a propaganda do inimigo até questionam a capacidade da Direcção da Luta de reerguer dos escombros o edifício arruinado da Resistência, a Nova Estrutura da Luta.

São perguntas admissiveis, dúvidas fundamentadas e inquietações compreensíveis e ansiedades aceitáveis, pois o silêncio que se verificou após a captura dos nossos líderes tinha que produzir tudo isso.

Por isso, pensamos que chegou já o momento oportuno, pensamos ser esse o momento oportuno para desfazermos esta inquietante situação, esclarecendo os esforços da Nova Direcção em se recompôr e(?) às estruturas da Resistência no seu conjunto, reorganizando o CNRM.

1 - Todos nós concordamos que o CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) como estrutura nacional unificadoradas mais diversas forças políticas, sociais e religiosas, de todos quantos no interior da Pátria ocupada e no estrangeiro desejam lutar pela libertação deste pedaço de terra - Timor-Leste, a sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais, continua a ser o órgão nacional supra-partidário ou (?) que comanda a luta no seu todo.

Contudo, a estrutura do CNRM entendida como corrente(?) teórica que define as formas de organização da nossa Resistência,e, estrutura busca continuamente objectividade na sua materialização prática, procurando adaptação(?) e correspondência às novas realidades que emergem, como produto das transformações políticas necessárias operadas pelos seus actores directos ou como resultado(?) das alterações bruscas que o inimigo nos impõe no decurso da luta como está acontecendo agora.

A captura de Xanana Gusmão, o líder intelectual, o ideólogo e o arquitecto da formação do CNRM, produziu alterações profundas na composição orgânica da estrutura do CNRM, provocou fendas profundas que impunham necessidade de preenche-las, mas apesar disso não alterou em nada os fundamentos políticos básicos que permitiram a existência do CNRM como órgão nacional apartidário.

No esforço de recompormos a estrutura desfalcada do CNRM, formou-se uma Comissão Directiva da FRETILIN - CDF e do Estado Maior das FALINTIL - EMF que dirigiria a luta em regime transitório e pelo princípio de Direcção Colectiva da qual se colocou à testa o companheiro Ma'Huno, secretário da CDF como o novo líder da Resistência Timorense.

Essa Comissão Político Militar da Resistência Armada, CDP-RA, como órgão provisório da luta, funcionava como o braço lançado do Comdt. das FALINTIL no terreno pois até então ainda se reconhecia em Xanana Gusmão o seu papel de líder máximo da luta apesar de estar preso e sem capacidade de tomar decisões sobre a luta. Esta decisão da Comissão Politico-Militar da Resistência Armada fundamentava-se da reiterada confiança que toda a Resistência Armada tinha no seu líder máximo, apesar deste "ter reconhecido" a soberania da Indonésia sobre o território e nos ter apelado para depormos as armas e rendermo-nos ao inimigo, atitudes que nos desiludiram a todos, mas mesmo assim, soubemos compreender.

Estávamos por isso mesmo confrontando-nos com uma situação delicada: entre a reiterada confiança da Resistência Armada no seu líder e a necessidade de tomarmos medidas para evitarmos males maiores à luta, tínhamos que escolher uma:

A evolução dos acontecimentos provocou novas mudanças e advertiu a Nova Direcção para tomar medidas a fim de clarificar a situação, decidindo suspender as funções do Comandante das FALINTIL Xanana Gusmão preso(?) a este cargo na estrutura do CNRM.

Se se afirma que no processo de condução de uma guerra como a nossa a capacidade subjectiva(?) do seu comando é factor decisivo para o sucesso da luta, procurando por isso mesmo ultrapassar sempre o inimigo em pensamento por um palmo, pessoas atentas com a evolução dos acontecimentos no interior da Pátria dirão que a Nova Direcção padece de capacidades subjectivas. Não negamos! reconhecemo-lo com a mais profunda angústia mas era também nosso dever fazermos qualquer coisa para respondermos à crise que a luta atravessa.

A captura do companheiro Ma'Huno, o nosso líder da Resistência, foi mais um duríssimo golpe que o inimigo desferiu contra a luta e a sua Direcção. Como consequência, estamos perante esta situação caracterizada pelo "vazio de Direcção", como consequência também, vivemos hoje uma alteração ainda mais radical(?) da situação, quer considerando as nossas condições subjectivas quer considerando as condições reais objectivas.

Esforços foram dispendidos nestes últimos meses para possibilitar um encontro entre os actuais membros da Direcção interna para reorganizar a luta e a sua Direcção, objectivo que constituía a preocupação central da Direcção. Após a captura do companheiro Ma'Huno essa preocupação foi ainda maior, tendo-nos esforçado por todos os meios para conseguirmos um contacto entre os membros da Direcção, todavia as dificuldades impostas pelo inimigo impossibilitaram e continuam impossibilitando esse desejo, para mais que estamos dispersos no terreno para cobrirmos a actual situação, materializando as tarefas estabelecidas.

Estamos, por isso mesmo, vivendo uma situação particularmente difícil. Vivemos uma situação em que se impõe a necessidade de tomada de decisões importantes e decisivas para acabar com esta situação inquietante e perniciosa para a nossa Luta, mas os princípios e regras democráticos que regem a nossa organização de Resistência ditam que qualquer decisão

importante a ser tomada não deve ultrapassar os limites das competências atribuídas e, sobretudo, em questões estratégicas como a assunção da liderança interna, a reorganização da Luta da sua Direcção exigem, no mínimo, a participação e o voto de apoio de metade dos membros que compõem a Direcção.

Por isso mesmo, vivemos uma situação em que só a consciência das responsabilidades nos impõem o cumprimento dos nossos deveres. Vivemos essa situação em que só a firmeza e determinação podem alimentar vontades e energias morais para tomarmos decisões importantes e decisivas. Vivemos uma situação em que as exigências da luta ditam a necessidade de tomada de decisões individuais em detrimento das regras democráticas que regem a nossa organização de Resistência , mas democracia, em meu pobre entender, é também RESPONSABILIDADE.

Impõem-se por isso mesmo reunirmos coragem política necessária para tomarmos medidas a fim de darmos ruptura(?) à actual crise que enferma a nossa luta. É necessário tomarmos a peito as responsabilidades que nos foram entregues pela luta para servi-la(?) pois o momento actual da luta não admite hesitações, embora reconhecêssemos as nossas extremas limitações.

2 - Considerando todos esses factores, no cumprimento dos deveres que assumimos perante a Luta e consciente das gravíssimas consequências que o arrastamento da situação caracterizada pelo "vazio da Direcção" representava e representa para a nossa luta, por DEVER e HONRA, eu, Nino Konis Santana declaro assumir, a partir de hoje, 25 de Abril de 1993, a chefia da Resistência no plano interno, jurando sobre as Campas dos nossos heróis tombados, assumir com fidelidade todos os compromissos assumidos pela Direcção anterior e esforçar-me em reerguer dos escombros do edifício arruinado da Resistência, a nova ESTRUTURA da Luta e esforçar-me também em encontrar uma solução que leve a Indonésia a aceitá-la.

É uma decisão pessoal, que embora não pudesse por si só resolver o bicudo problema da Direcção, é necessária porque responde aos interesses da luta. É uma decisão que deverá ser ratificada pelos membros da Direcção da Luta no plano interno e estou certo, estou convicto, que os meus irmãos ratificarão sem hesitação, dar-me-ão todo o seu apoio, todo o seu voto de confiança pelos supremos(?) interesses da nossa luta.

Pode parecer às pessoas insensatas que a nossa decisão é uma medida desesperada para remediarmos o mal, naquilo que as pessoas costumam dizer "tapa-furos".

Se bem que reconhecemos com angústia as nossas fraquezas pessoais que nos tornam mais pequenos para assumirmos hoje tamanha responsabilidade nunca e (::?) uma atitude desesperada porque não estamos desesperados, as dificuldades nunca constituíram motivo de desespero para nós em nenhum momento, antes pelo contrário, elas sempre nos motivaram

para uma constante renovação das nossas energias, da nossa coragem e para a autoconfiança em nós mesmos, tanto individualmente como a Direcção no seu conjunto, constituindo elas mesmas a alavanca das nossas iniciativas.

Queremos esclarecer também que ao assumirmos a liderança interna da Luta a nossa assunção não equivale sermos necessariamente Comandante das FALINTIL, cargo que até já foi suspenso por decisão do CPM-RA para além de que nós nos identificamos com a FRETILIN, partido que sempre militamos, partido que amamos porque foi ele, a FRETILIN, que nos ensinou a servir a Pátria, lutando nas fileiras da Resistência Armada.

Poderia perguntar se isso não equivale à partidarização da Luta e da sua Direcção? Não! De forma nenhuma porque continuamos a honrar fielmente os princípios políticos básicos que deram lugar(?) a CNRM. Além disso, a estrutura a buscar-se para a Direcção da Frente Armada funciona em regime colegial, da qual fazem parte as chefias da Comissão Directiva da FRETILIN - CDF e do Estado Maior das FALINTIL - EMF e, sobretudo, porque a liderança máxima do CNRM é transferida ao Dr. Ramos Horta, até agora assumindo as funções de Representante Especial do CNRM no exterior. Já a seguir vamos tecer algumas considerações sobre isso.

3 - Como dissemos, a nossa assunção à liderança da Frente Armada não resolveu por si só o gravíssimo problema que afecta a Direcção da Luta, não solucionou a questão fundamental e decisiva, não resolveu o problema que hoje enferma a Direcção, apesar de reconhecermos que constitui um passo significativo dado na direcção certa para(?) a resolução da crise.

Todos nós estamos conscientes de que a capacidade subjectiva do Comando constitui o elemento fundamental, indispensável para o socorro(?) da nossa Luta.

Todavia as extremas dificuldades que a Nova Direcção vive, essencialmente no plano das suas capacidades subjectivas (considerando a fraca formação cultural, as deficiências teóricas e experiência de Direcção) quer considerando cada elemento da Direcção quer considerando a Direcção como um todo; como ainda a consciência/conveniência(?) que se tem hoje da exterminação da guerrilha não apenas como uma hipótese aventada mas como uma possibilidade real a curto ou a longo prazo e, tendo em conta que tal como na Frente Armada, a Frente Clandestina nunca se escapará dos contínuos golpes que o inimigo continuará a desferir contra nós e conscientes também que a nossa luta chegou a uma fase do seu desenvolvimento em que o factor diplomático ocupou uma posição decisiva na resolução do arrastado problema de Timor-Leste (se bem que não podemos menosprezar nunca as acções políticas das massas populares junto do inimigo e as acções armadas dos guerrilheiros das FALINTIL enquanto existirem) surge como necessidade imperiosa da luta garantirmos a manutenção e continuidade da resistência organizada do nosso Povo em todos os planos, tendo como condição

fundamental e vital a existência de uma Direcção capacitada, segura, estável e combativa, que no interior da Pátria e, sobretudo, no estrangeiro.

Considerando todos esses factores e fieis para com os princípios políticos básicos que fundamentaram a existência do CNRM, princípios cuja observância rigorosa constituem a condição fundamental para a manutenção e coesão de uma Organização de Resistência Nacional à ocupação indonésia, a direcção da Luta no plano interno decidiu, no interesse máximo da luta, proceder à transferência dos poderes de decisão global sobre a luta, ou seja, a liderança máxima do CNRM ao Dr. Ramos Horta, até aqui desempenhando as funções de Representante Especial do CNRM no estrangeiro.

Esta decisão marca uma viragem histórica radical(?), sem precedentes na história da condução da nossa luta pela inversão de posições que a liderança interna e externa ocupam hoje , passando a liderança externa a comandar a interna pelos condicionalismos específicos da nossa luta. Como consequência disso, urge redefinirmos as estruturas a funcionar no interior da Pátria, tanto na frente armada quanto na frente clandestina, já que na frente externa as competências estão entregues ao líder máximo do CNRM.

Prevemos que Jakarta se apressará em fazer o aproveitamento político e diplomático desta situação ou seja, desta decisão histórica. sem precedentes na história da nossa luta, movendo a sua diplomacia a explorar os aspectos negativos desta nossa decisão, mas pensamos que a acção da Indonésia terá apenas efeitos imediatos enquanto que a nossa histórica decisão cumpre uma dupla função: responder à crise actual que enferma a nossa luta e, garantir, pelo tempo fora, a continuidade da resistência organizada do nosso Povo em todos os planos até à libertação total da nossa Pátria e do nosso Povo.

Por outro lado, essa forma de Direcção não é um único facto no mundo para não merecer legitimidade e reconhecimento internacional. E mesmo que assim fosse, as condições específicas de uma luta é que determinaram essa passagem. Se o Povo palestiniano que luta há mais de duas décadas para edificar um estado palestino livre e que luta em condições específicas muito favoráveis tem a sua Direcção, a OLP, no estrangeiro donde dirige a intifada palestina contra o sionismo de Israel porque é que não será possível a nossa Direcção situar-se no estrangeiro?

Embora nunca desejássemos fazer transposições de situações porque reconhecemos a especifidade das condições em que cada luta se desenrola - a OLP recebe um apoio internacional incomparavelmente superior a nós, a OLP tem uma implantação internacional considerável, a OLP luta numa área geopolítica totalmente favorável e com meios de comunicação sofisticados enquanto que nós temos pouco apoio internacional, lutamos numa área geopolítica totalmente hostil a nós, estamos bloqueados pelo nosso próprio inimigo por ar,

mar e terra, com grandes ou incontáveis dificuldades de comunicação, etc., mas não será por isso que se ilegítima que a Direcção máxima da Luta se situe no exterior.

4 - Assim, pela inversão dos papeis do interno e externo ou da Direcção interna e externa. a Direcção da Luta na Frente Armada desempenha o papel de Direcção somente no plano interno, submetendo-se a liderança máxima no exterior.

Funcionam, por isso mesmo, dois órgãos da Luta no plano interno: o Conselho Executivo da Luta/Frente Armada - CEL/FA e o Comité Executivo da Luta/Frente Clandestina, cuja relação com o CNRM - o órgão máximo da luta, são todos órgãos executivos, mas com a particularidade de que a Frente Armada continua a desempenhar um papel de liderança sobre a Frente Clandestina.

Constitui cada órgão executivo da Luta 5 (cinco) membros do CNRM, reforçando assim o efectivo da Direcção da Luta no plano interno, para um total de 10 (dez) membros da Direcção Superior do CNRM no plano interno.

a - Na Resistência Armada, o Conselho Executivo da Luta/Frente Armada é constituído por uma única Comissão Político Militar da Resistência Armada formada pelas chefias da Comissão Directiva da FRETILIN - CDF e do Estado-Maior das FALINTIL - EMF.

a. Da Chefia da Comissão Directiva da FRETILIN.

- Nino Konis Santana (secretário da CDF por acumulação) é o chefe do Conselho Executivo da Luta

b. Da Chefia da Comissão Directiva da FRETILIN.

- Lu Olo, vice-secretário da CDF, responde pela mobilização do Povo de Timor-Leste à Luta
- Taur(?) Matan Ruak, chefe do Estado-Maior
- Line Anak Timor e Alex David Da Tula(?), subchefes do Estado-Maior das FALINTIL

A chefia do Estado-Maior das FALINTIL é o que comanda as FALINTIL no terreno, accionando as FALINTIL para manter vivas as chamas da Resistência Armada

c. Quanto à Frente Clandestina, por razões de segurança a sua estrutura não é revelada. Caberá À Direcção da luta da Frente Armada contactar a Direcção da Frente Clandestina para estudar a modalidade de organização, estruturando a Direcção desta Frente da nossa Luta.

Compatriotas Mauberes
Companheiros de Luta

A nossa luta vive um momento de profunda depressão! As derrotas que sofremos no plano interno são desoladoras e quanto a nós, a Frente Clandestina de nossa Luta foi a mais seriamente atingida pelos tufões indonésios, foi a mais prejudicada pelos golpes que o IN desferiu contra a nossa luta.

O "vazio de Direcção" é a característica geral da nossa luta que se traduz na prática a nossa desorganização no actual momento. Mas para a Frente Clandestina, o vazio de Direcção não conhece aspas e entre aspas, encontra explicação, tem significação em todo o sentido da palavra.

Os desmantelamentos das nossas organizações clandestinas, as capturas e os aprisionamentos dos mais diversos responsáveis que se antecederam à captura dos nosso líder máximo, Xanana Gusmão, as que tiveram lugar na sequência da sua captura, tiveram a capacidade de desorganizar totalmente a Frente Clandestina da nossa luta, a partir da sua cúpula, o Comité Executivo/Frente Clandestina - CE/FE até aos níveis mais baixos. Aliás o CE/FC foi praticamente abandonado. Alguns dos seus membros foram presos, outros por causa das perseguições uncessantes do inimigo, optaram por abandonar a Pátria, emigrando para o estrangeiro.

Por issi mesmo, a Frente Clandestina vive um momento de desorganização total; a represão inimiga é tal que muitos compatriotas recuaram-se(?) simplesmemte. A ferocidade monstruosa da perseguição inimiga, a violência brutal, o terror, a intimidação fazem com que muitos companheiros se sintam desanimados, desmoralizados e duvidosos pelo futuro incerto da nossa Luta. Outros, embora mantendo-se firmes e determinados vivem uma situação de inquietação e ansiedade pelo "silêncio" da Direcção da Luta na frente armada, mas pensamos ter chegado já o momento para desfazermos esta situação.

Há que reunirdes coragem, caríssimos companheiros da Frente Clandestina, há que terdes coragem para reerguerdes dos escombros do edifício da vossa organização destruída, a nova estrutura da vossa organização.

Deveis reorganizar-vos para melhor servirem a Pátria, pois só uma organização eficaz e sólida que possa congregar os vossos esforços na Luta, podeis estar capazes de enfrentar o poderoso inimigo no vosso posto de combate!

As dificuldades não devem constituir para nenhum de nós motivo de desânimo, de desmoralização, de derrotismo e muito menos de desespero. Nós todos devemos encarar as

dificuldades como sendo próprias da nossa guerra, como sendo o resultado das difíceis condições específicas da nossa luta, onde enfrentamos com valentia e determinação impar, a cobarde e vergonhosa agressão e ocupação militar indonésia à nossa Pátria. As dificuldades devem, por isso mesmo, constituir para nós motivo de profunda reflexão sobre a realidade da nossa luta; as dificuldades devem alimentar-nos a coragem para encararmos com serenidade as cada vez mais crescentes e penosas situações que o inimigo nos impõe; as dificuldades devem constituir para nós todos a mola(?)-real que impulsiona vontades, ânimos e determinação em suma, as dificuldades devem constituir para cada um de nós e para nós todos, a verdadeira alavanca das nossas iniciativas em busca de formas de luta para resistirmos à ocupação fazendo mover a nossa imaginação criativa! Nós todos devemos a partir destas dificílimas situações de luta cultivar em nós mesmos o espírito de autoconfiança individual e colectiva para podermos responder sempre prontos em qualquer momento e para qualquer situação por mais difícil que ela seja as rédeas da Luta.

Reorganizai-vos queridos companheiros, reorganizai-vos para estardes capazes de continuar a oferecer uma heróica e corajosa resistência aos ocupantes da nossa Pátria lutando para libertar a nossa Pátria e o nosso Povo das masmorras(?) do colonialismo indonésio.

Acreditamos que podeis reorganizar-vos porque sempre revelasteis capacidade, Já no passado, nos períodos mais críticos e difíceis da nossa Luta, nos anos 79/80, pudesteis provar capacidade e iniciativa para auto-organização em todos os pontos do território e acreditamos que hoje, estais em melhores condições para vos organizardes pois pudesteis ganhar enorme experiência com as vossas próprias derrotas, com o vosso sangue derramado, vosso suor vertido. Reorganizar-vos para a luta pois assim podeis cumprir bem os vossos deveres perante o nosso , só assim podeis corresponder aos esforços dos vossos irmãos guerrilheiros que continuam morrendo para libertar a nossa ....., só assim podeis também corresponder aos esforços da nossa frente externa. Sempre acreditamos que podeis porque também sempre foi uma convicção de que a vossa firmeza é o grande suporte da nossa resistência e a vossa determinação é a base em que assenta a luta do nosso Povo.

Mas é preciso, antes de mais, combaterdes o espírito de independência, é preciso erradicardes de uma vez por todas o espírito de aventura, o espírito de competição, a mania de quem faz mais pode mais, as visões faccionistas e sectárias, as indisciplinas e irresponsabilidades que foram sempre a verdadeira porta de entrada da infiltração inimiga no nosso seio e que tanto mal causou à nossa Luta.

Há que cerrarmos fileiras para impedirmos novas infiltrações do inimigo no nosso seio, há que sabermos assumir com coragem a palavra de ordem: DISCIPLINA e RESPONSABILIDADE!

PÁTRIA ou MORTE!

A LUTA CONTINUA EM TODAS AS FRENTES

Montanhas da Pátria, Timor-Leste, aos 25 dias do mês de Abril de 1993

A Chefia do CEL/FA

(Nino Konis Santana)
Chefe do Conselho